

3. Ensaio sobre o Vidigal

Marta Cardoso Guedes¹

Resumo

Este artigo narra o encontro do projeto de cinema da Escola Municipal Prefeito Djalma Maranhão, localizada na Favela do Vidigal, Rio de Janeiro, com as memórias de luta e resistência à remoção da favela nos anos 70. A referida escola é uma das contempladas com o projeto de extensão Cinema para Aprender e Desaprender (LECAV/UFRJ) que desenvolve e pesquisa experiências de iniciação ao cinema com professores e estudantes da Educação Básica, dentro e fora da escola. Como ficção de memória, o projeto de cinema da escola busca compreender em que medida imagens feitas atualmente com os moradores/ativistas da época, pelos alunos do projeto, somadas às imagens Super-8 de uma cineasta amadora nos anos 70, podem dar a ver a experiência de um grupo de pessoas que lutava por uma causa comum e constituir acervo de memória para além da escola.

Palavras-chave: Cinema. Escola. Memória. Favela. Preservação.

Introdução

Difícilmente se pode separar a história dos homens da história das relações sociais e dos antagonismos; pode-se afirmar também que certos grupos sociais vieram a existir pelo simples fato de terem lutado.
FARGE (2017)²

¹ Doutoranda em Educação UFRJ, Mestre em Educação UFRJ, Especialista em Psicomotricidade IBMR, Professora de Educação Física da SME/RJ e Professora responsável pelo CINEAD na E. M. Prefeito Djalma Maranhão.

² In: *O Sabor do Arquivo*, 2017, p. 48.

A Escola Municipal Prefeito Djalma Maranhão, no Vidigal/Rio de Janeiro, é uma das escolas contempladas com o projeto de extensão *Cinema para Aprender e Desaprender*³ (LECAV/UFRJ) que desenvolve e pesquisa experiências de iniciação ao cinema com professores e estudantes da educação básica, dentro e fora da escola. Com a fundamentação teórica da *Hipótese-Cinema* de Bergala (2008) que extrai sua força e novidade na proposta de descoberta do gesto de criação cinematográfica compartilhada entre professores e alunos, o projeto de cinema da nossa escola vem pesquisando a memória da favela do Vidigal, tendo produzido em 2015 o documentário escolar *Paraíso Tropical Vidigal*.

Foi com o envolvimento de toda a comunidade escolar e a colaboração do mestrando do CINEAD/LECAV, Vitor Tói Ferreira, que foi possível, em 2015, colocar em prática a proposta com a qual ganhamos o edital de seleção do CINEAD para nossa escola; a produção de um documentário escolar que narrasse a história do Vidigal e da escola Djalma Maranhão. Pensamos nesta proposta porque acreditávamos no princípio histórico-cultural de que a aprendizagem de conceitos científicos ensinados na escola necessita da concretude dos conceitos espontâneos apreendidos no cotidiano para sua efetivação, e que o conhecimento da história da Favela e da Escola pela arte, era um caminho possível e desejável nessa aquisição. “O momento da emoção e do interesse deve necessariamente servir de ponto de partida a qualquer trabalho educativo. A emoção não é menor que o pensamento” (VIGOTSKI, 2004, p.144). Por meio da arte e apoiando-se no conhecimento preexistente, o sujeito

³ Grupo cinema para aprender e desaprender do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual (LECAV), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Criado em 2006, coordenado por Adriana Mabel Fresquet, e do qual nossa escola faz parte.

é capaz de se projetar além do conhecido e explorar novas relações. Ainda, de acordo com Vigotski (2009), a imaginação aparece lenta e gradual, evoluindo de formas simples e elementares a outras mais complexas. A imaginação se desenvolve, especialmente, da experiência acumulada, vinculando-se à relação existente entre fantasia e realidade e estando diretamente relacionada à emoção.

Nossa principal motivação era estar com a emoção, o interesse e a imaginação de todos os alunos da escola em seu processo de ensino-aprendizagem, por meio do conhecimento das raízes históricas da favela e da escola, em intercâmbio com experiências do fazer artístico como o teatro, a dança, a música e o cinema. Assim sendo, *Paraíso Tropical Vidigal*, nosso documentário escolar realizado pelos alunos do projeto de cinema, registra os bastidores de uma busca da escola à comunidade, pela história do morro do Vidigal/RJ, sendo um encontro entre moradores, alunos e professores.

Desta forma, o ano de 2015, foi um ano onde pensamos e partilhamos a história de nossa escola e da favela do Vidigal, a partir do olhar de todos os atores envolvidos. Professores, alunos, ex-alunos, direção, moradores da favela, colaboradores (pais dos alunos), escritores (Luciana Sandroni) e colaboradores do LECAV trabalharam de forma horizontal para que o conhecimento produzido se materializasse em forma de filme. Foi uma aventura inebriante que nos afetou das mais diversas e inimagináveis formas. *Paraíso Tropical Vidigal*, gerado a partir do entrecruzar das subjetividades de todos, nos fez sentir autores do processo, elevou a autoestima, tanto individualmente como em grupo, mas, sobretudo, nos fortaleceu na autonomia pedagógica frente aos inúmeros ataques impostos pela política pública educacional, de cunho neoliberal, que insiste em aprisionar a escola centrada na objetividade, com

rígidos instrumentos burocráticos de controle e padronização que acreditam obter melhoria de resultados (PRETTO, 2011).

Na devolução das imagens aos sujeitos da escola e da favela fomos surpreendidos com o enorme potencial de emoção e interesse que apareceram nas falas das crianças, pais, professores, colaboradores e moradores do Vidigal. Ficávamos após a sessão ouvindo-os contarem novas histórias da favela, ora confirmando algumas que já sabíamos, ora agradecendo a oportunidade de conhecer fatos desconhecidos... Micro histórias que nos atravessavam, uma vez mais, apontando pistas, reminiscências, pontos de vista particulares, vivências pessoais que constroem nossa narrativa de memória própria de uma história que almeja atentar para a experiência dos indivíduos, captada nas relações que eles mantêm com outros indivíduos e com o meio social (REVEL, 2010).

Foi um processo de criação coletiva que nos colocou a todos como copartícipes do conhecimento pesquisado e produzido, um processo que atravessou professores e estudantes em experiências vividas e reconfiguradas. Consonante com Fresquet (2011), o cinema provoca a educação desestabilizando-a e problematizando-a. Ele tem a capacidade ímpar de quebrar a tranquilidade e de desestabilizar o *status quo* dos espaços que habita ou visita.

As exhibições do filme para todas as turmas, para a equipe escolar, para os responsáveis e moradores da favela do Vidigal, e para além dos muros da escola, como por exemplo *Em conversas sobre experimentações pedagógicas*, no IFCS/UFRJ, em 15 de junho de 2016, apontaram reverberações em diversas outras instâncias. Foi com o potencial de alcance das imagens em movimento que as exhibições do filme fora do ambiente escolar nos trouxeram o encontro com antigos moradores/ativistas, que na década de 1970, lutavam contra a remoção da Favela do Vidigal.

O Encontro

*Não há luta pelo futuro sem memória do passado.
BENJAMIN[#] (2005)*

Na comemoração de 10 anos do CINEAD, em 2016, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, um acontecimento surpreendente faria com que os rumos do projeto de cinema da escola Municipal Prefeito Djalma Maranhão alçassem voos inimagináveis, até então. Na plateia do evento encontrava-se Felícia Krumholz (atua com cinema e educação desde 1978 e é curadora da Mostra Geração do Festival do Rio) que, pedindo a palavra após a apresentação do projeto de cinema da nossa escola, nos incentivou a procurar por filmes e slides sobre a tentativa de remoção do Vidigal, nos idos dos anos 70. Filmes esses, que segundo ela, se encontrariam na Associação dos Moradores da Favela. O fato é que já havíamos buscado por essa memória fílmica, mas fomos informados que, infelizmente, o tráfico ao tomar conta da favela entre as décadas de 80 e 90, havia incendiado a memória documental da Favela do Vidigal que existia naquela associação. Felícia, então, nos encorajou a procurar alguns antigos militantes e nos relatou ter sido ela a cineasta amadora, que do basculante de um banheiro na favela, com a perna engessada, havia filmado em super-8⁵ essa tentativa de remoção da favela, em 1977.

⁴ In: *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, 2005, p. 109.

⁵ Lançado pela Kodak em 1965, o Super-8 é uma evolução da película 8mm, com uma superfície maior de imagem. Nos anos 1960 e 1970, fez muito sucesso entre cineastas amadores e como formato de audiovisual doméstico, precursor do VHS nos anos 1980, e do mini-DV na década seguinte. Festivais de Super-8 multiplicaram-se pelo país e o formato foi muito utilizado por artistas experimentalistas do mundo todo. Versão

Colocamo-nos rapidamente em busca desses antigos militantes, e depois de encontrar alguns deles, parece que como recompensa pelos esforços envidados por nós, por um maravilhoso acaso do destino, nos deparamos no final de 2016 com o Sr. Armando Almeida Lima, um dos principais nomes da resistência no Vidigal. Ele estava fazendo um frete para a nossa escola, a pedido de uma professora, levando um tatame de lutas que havíamos recebido de doação de uma academia de ginástica. Essa incrível coincidência proporcionou-nos um desvio fabuloso nos rumos do projeto de cinema nos colocando definitivamente na rota dos arquivos de memória. Foi emocionante colocar os dois antigos militantes em contato pelo telefone celular naquele mesmo instante. Um chorava de cá, a outra chorava de lá, e nós nessa ponte, chorávamos de emoção também, pois encontrávamo-nos diante de indivíduos que se lembravam de momentos que estiveram juntos enquanto membros de um grupo que lutava por uma causa comum (HALBWACHS, 1990). Sr. Armando dizia para Felícia que a tinha procurado muito, perguntava por onde ela andava, pois gostaria de tê-la convidado para o lançamento de seu livro⁶ e mencionava que ela era nome de Rua no Vidigal. Havíamos sido o elo que proporcionara esse reencontro.

miniaturizada do cinema *standard* (35mm), o Super-8 se beneficiava de uma câmera portátil de baixo custo e fácil de usar. Por outro lado, também demandava revelação e montagem do material filmado. Hoje, o Super-8 é praticamente desconhecido do grande público. Mas alguns cineastas não abrem mão dessa bitola. In SUPPIA, Alfredo Luiz. “As sete vidas do Super-8”. In: *Ciência e Cultura* [online], vol.61, n.1, p. 63-65. 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n1/a25v61n1.pdf> Acesso em: 28 de dezembro de 2017.

⁶ LIMA, Armando de Almeida. *Resistências e Conquistas do Vidigal*. São Paulo: Editora Nelpa. 2010.

É no processo de negociação entre memória coletiva e memórias individuais, que a nossa memória se beneficia da dos outros, não apenas por seus testemunhos, mas também pela concordância com suas memórias no ponto de contato entre ela e as outras, para que a lembrança trazida pelos outros possa, em contato com a nossa, reconstruir uma base comum. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda, segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 32). O autor enfatiza a natureza social da memória destacando sua diversidade pela combinação de influências e ressalta que nós ainda não nos habituamos a falar sobre a memória de um grupo mesmo que por metáforas, “parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou cérebro individual” (p. 34). Assim, sinaliza que o indivíduo, mesmo participando de forma diferente de duas espécies de memórias: a individual e a coletiva, nunca a memória individual está totalmente isolada e fechada, pois para evocarmos nosso próprio passado individual, temos frequentemente necessidade de apelar às lembranças dos outros. “Só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes de pensamento coletivo” (HALBWACHS, 1990, p.10).

Desta forma, pensamos que um encontro em nossa escola que narrasse essas experiências individuais e coletivas, poderia proporcionar aos alunos do projeto de cinema, assim como para toda a comunidade escolar, o conhecimento de uma história de lutas e conquistas. “Defender as histórias e fazer que sejam apreendidas pela história é se obrigar a mostrar como o

indivíduo constitui seu próprio agenciamento com aquilo que historicamente e socialmente é colocado a sua disposição” (FARGE, 2017, p. 90-91).

O (re) encontro

*Para que um fragmento do passado seja tocado pela atualidade
não pode haver qualquer continuidade entre eles.
BENJAMIN⁷ (2009)*

O (re) encontro se deu em nossa escola em 29 de agosto de 2017. As crianças e jovens do Projeto de Cinema da Escola Djalma Maranhão elaboraram o evento intitulado *40 anos de resistência do Vidigal*. A escola se mobilizou com diversas atividades para recebê-los, exposição de fotos antigas, esquete teatral narrando à origem do nome Vidigal, apresentação de coral, entre outras. Estiveram presentes, além da Felícia e do Sr. Armando, muitos outros antigos militantes, alguns não se viam há mais de 40 anos. Entre eles se encontravam os antigos presidentes da associação de moradores; a secretária da pastoral de favelas Maria Cristina Sá, que na época atuava com a arquidiocese presidida pelo Cardeal Dom Eugênio Sales; a aeromoça Filomena que trouxe a imagem de São Francisco de Assis do Vaticano em Roma para a capela do Vidigal; bem como os atuais presidentes da associação; o fundador do grupo de Teatro *Nós do Morro*, Gutti Fraga; entre outros. Foi assim que, como pequenos “cineastas amadores”, desta feita com imagens digitais, os alunos do projeto de cinema filmaram e fotografam todo o evento realizado em nossa unidade escolar tendo em mente a importância dos arquivos de memória e a possibilidade de atualizarmos esse

⁷ In: *Passagens*, 2009, p. 512.

passado com vistas a uma melhor compreensão do momento presente e a possibilidade de estarmos constituindo um arquivo de memória da escola e da Favela do Vidigal. Nesse sentido, vale destacar a fala de uma de nossas alunas do terceiro ano do ensino fundamental que, após o evento realizado na escola, nos conta que encontrou com o Sr. Armando, que ele mora na mesma rua que ela, que ela sempre o via, mas que não sabia que tinha sido graças a ele que o Vidigal ainda existia... São crianças, que a partir de um evento realizado na escola, advindo do projeto de cinema, estão exercendo seu direito à memória. Na montagem documental cinematográfica a amplitude de consecução dessa memória se alarga através da potência de alcance que as imagens em movimento carregam consigo. O que será que pode advir dessas imagens em termos de construção de memória coletiva? E em termos de luta e emancipação de nossos alunos? De acordo com Rancière (2002) o que embrutece o povo não seria a falta de instrução, mas sim a crença na inferioridade de sua inteligência. “Um camponês, um artista (pai de família) se emancipará intelectualmente se refletir sobre o que é e o que faz na ordem social” (p. 48). Na ordem intelectual, podemos tudo o que pode um homem, pois tudo está em tudo. Essa tomada de consciência da potência que está presente em toda manifestação humana, dessa igualdade de natureza é o que ele chama de emancipação.

Nesta ocasião, Felícia Krumholz anuncia para todos os presentes, que ainda possui as imagens em super-8 que fez na época da tentativa de remoção da favela em 1977, e que em outra oportunidade poderíamos nos reencontrar para então abrirmos sua caixa de isopor recheada de imagens.

O Arquivo em cena: A Cinemateca do MAM e a Caixa de Isopor da Felícia

Quem tem o sabor do arquivo procura arrancar um sentido adicional dos fragmentos de frases encontradas; a emoção é um instrumento a mais para polir a pedra, a do passado, a do silêncio.
 FARGE⁸ (2017)

Assim foi que em novembro de 2017, em mais uma história de encontros, fomos contatados por Felícia, a fim de marcarmos uma data para abrir, em nossa escola, a famosa caixa de isopor com as imagens em super-8 que ela havia feito na década de 70. Estávamos no final do ano letivo com os alunos fazendo provas, conselho de classe etc., mas nosso desejo e emoção pelo (re) encontro com os arquivos, com as imagens-documento de uma luta, nos mobilizavam, uma vez mais.

Através do CINEAD, com a professora Doutora Adriana Mabel Fresquet⁹, entramos em contato com Hernani Heffner¹⁰, pois apesar de termos providenciado um projetor de filmes super-8 e um projetor de slides, tínhamos consciência de que esses filmes, se em condição de uso, precisariam de um processo de limpeza e restauração.

Hernani Heffner prontamente nos atendeu e se colocou à disposição para fazer a restauração e digitalização desse material, tendo também disponibilizado a cinemateca do MAM para fazermos a abertura da caixa de isopor de Felícia Krumholz. Desta maneira, no dia 18 de dezembro de 2017, nos reunimos na Cinemateca com o propósito de mergulharmos nos arquivos de memória de

⁸ In: *O Sabor do Arquivo*, 2017, p. 37.

⁹ Criadora e Coordenadora do CINEAD (LECAV/PPGE/UFRJ).

¹⁰ Conservador da cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro e uma das maiores autoridades em preservação audiovisual no Brasil.

Felícia que, a partir desse encontro, passaram a fazer parte do acervo da Cinemateca, constituindo o Lote da Associação dos Moradores do Vidigal. O Projeto de Cinema assumiu a responsabilidade com a limpeza, digitalização, e telecinagem deste material, que inclui, além dos filmes Super-8, negativos de fotos e fitas cassete com entrevistas da época.

Nosso estudo parte do princípio de que a articulação entre cinema, escola e memória é potente enquanto assunto a ser colocado sobre a mesa para matéria de estudo (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013), além de ser de fundamental relevância na construção de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990) e no direito ao exercício desta memória por todos os estudantes da escola e para além dela. Nossa história é uma história de encontros, uma história de amor ao assunto, uma história de responsabilidade com as novas gerações. Nosso tema: “cinema, escola e memória” vem surgindo nos encontros próprios do caminhar. Sendo assim, nossa pesquisa busca compreender de que modo as imagens em Super-8, captadas por uma cineasta amadora na década de 70 (sobre a remoção da favela), aliada às imagens recentes capturadas por alunos do Projeto de Cinema (sobre os militantes, seu reencontro e suas histórias), podem dar a ver a experiência de um grupo de pessoas que lutava por uma causa comum. Buscamos rastros, vestígios dessa luta coletiva visando à constituição de um acervo da história da favela do Vidigal, e do direito ao exercício desta memória pelos alunos da escola, e para além dela, destacando que não há luta pelo futuro sem memória do passado (BENJAMIN, 2009).

Quais são as implicações de um encontro desta natureza no âmbito escolar? Um primeiro aspecto que sinalizamos, a partir de *Ensaio sobre o Vidigal*, é a conscientização da preservação e da atualização da memória para toda e qualquer forma de luta. Apesar de estarmos falando de um projeto de

cinema realizado por alunos bem jovens e por professores não cineastas (BERGALA, 2008), o desejo de atualização do passado de um grupo que lutava por uma causa comum (HALBWACHS, 1990), com vistas a uma melhor compreensão do momento presente (BENJAMIN, 2009), e a possibilidade de estarmos constituindo um arquivo de memória de uma comunidade em nosso projeto de cinema (FARGE, 2017), nos faz pensar em estar realizando uma montagem documental que talvez possa mostrar o que não pode ser dito (LEANDRO, 2017).

O segundo aspecto que pretendemos desenvolver diz respeito à possibilidade da dupla cinema/memória na escola estar potencializando a igualdade das inteligências. Na ordem intelectual, podemos tudo o que pode um homem, pois tudo está em tudo (RANCIÈRE, 2002). Qual a potência de uma montagem dessa história de luta e resistência como ficção de memória, para compreensão na escola, do que se é e do que se faz na ordem social? Poderá o projeto de cinema realizar uma montagem escolar cuja política de organização, de aproximação e de confrontação das imagens atualize uma memória de resistência e luta, dando as datas a sua fisionomia?

Referências

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink Publicações LTDA, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.

FRESQUET, Adriana & GUSMÃO, Milene. **Cinema e Educação: uma crônica para ocultar e mostrar...** In: REDE KINO: rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, Rio de Janeiro / Vitória da Conquista, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice. Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

LEANDRO, Anita. **Dossiê Imagens do Presente**. Revista Imagens do Presente. V. 20, N. 2, Rio de Janeiro, 2017. In: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/12487/8762 acessado em 20 outubro de 2017.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2005.

MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PRETTO, Nelson de Luca. **O desafio de educar na era digital: educações**. In: Revista Portuguesa de Educação, vol. 24, N. 1, p. 95-118. Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Em: Revista Brasileira de Educação V. 15, N. 45, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Imaginação e Criação na Infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.